

UMA CADEIA DE SINERGIAS: RESENHA DO LIVRO “O ANTROPOCENO E AS HUMANIDADES”, DE JOSÉ ELI DA VEIGA

*Laura Luedy*¹

RESUMO: No pequeno livro *O Antropoceno e as Humanidades*, publicado em 2023, José Eli da Veiga explora dois agudos sintomas da dissociação entre os conhecimentos produzidos nas áreas de ciências naturais e de ciências humanas ou sociais na atualidade: a ignorância generalizada sobre a importante contribuição que Charles Darwin legou a essas últimas em sua segunda grande obra, *The Descent of Man* (1871), e reação bastante heterogênea, mas em geral vaga e tardia, que elas tiveram à questão do Antropoceno.

PALAVRAS-CHAVE: Antropoceno. Ecologia. Darwin. Ciências Humanas e Sociais. Ciências Naturais.

A CHAIN OF SYNERGIES: REVIEW OF THE BOOK “O ANTROPOCENO E AS HUMANIDADES” (THE ANTHROPOCENE AND HUMANITIES) BY JOSÉ ELI DA VEIGA

ABSTRACT: In the short book “*O Antropoceno e as Humanidades*” (The Anthropocene and Humanities) published in 2023, José Eli da Veiga explores two acute symptoms of the dissociation between the knowledge produced in the natural sciences and the humanities or social sciences today: the widespread ignorance of the important contribution that Charles Darwin made to the latter in his second great work, *The Descent of Man* (1871),

¹ Doutoranda em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: lauraluedy@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6807-8275>.

and the rather heterogeneous, but generally vague and late reaction that they had to the question of the Anthropocene.

KEYWORDS: Anthropocene. Ecology. Darwin. Human and Social Sciences. Natural Sciences.

UNA CADENA DE SINERGIAS: RESEÑA DEL LIBRO “O ANTROPOCENO E AS HUMANIDADES” (EL ANTROPOCENO Y LAS HUMANIDADES) DE JOSÉ ELI DA VEIGA

RESUMEN: En el breve libro “*O Antropoceno e as Humanidades*” (El Antropoceno y las Humanidades) publicado en 2023, José Eli da Veiga explora dos síntomas agudos de la disociación entre el conocimiento producido en las ciencias naturales y las ciencias humanas o sociales en la actualidad: el desconocimiento generalizado de la importante contribución que Charles Darwin hizo a estas últimas en su segunda gran obra, *La descendencia del hombre* (1871), y la reacción bastante heterogénea, pero generalmente vaga y tardía, que tuvieron ante la cuestión del Antropoceno.

PALABRAS CLAVE: Antropoceno. Ecología. Darwin. Ciencias Humanas y Sociales. Ciencias Naturales.

Um passeio pela imensidão do tempo e do espaço cósmicos, do *Big Bang* às hipóteses do *Big Crunch* e do *Big Bounce*, é talvez uma das últimas coisas que se espera de um economista. E, no entanto, é essa a primeira estação a que nos leva o pequeno livro publicado em abril de 2023 por José Eli da Veiga, intitulado *O Antropoceno e as Humanidades*. Munido de conhecimentos de astronomia, geociências e biologia evolucionária bastante incomuns entre os humanistas de nosso tempo, o professor sênior da Universidade de São Paulo (USP), hoje ligado ao Instituto de Estudos Avançados, prepara, de partida, um pano de fundo verdadeiramente titânico para tratar de um tema que põe a nós, meros seres humanos, no centro.

Curiosa escolha para introduzir um assunto que reclama com urgência nossa atenção e responsabilização imediatas: o Antropoceno. Candidato a nova época geológica na sucessão do Holoceno, ele marcaria o momento em que “fatores antrópicos” (associados, em especial, à desmedida mobilização de recursos naturais e, sobretudo, de combustíveis fósseis) se tornam determinantes de dinâmicas do planeta e, em especial, às dinâmicas da biosfera. Essa variação teria raízes em processos socioambientais que remetem a diferentes momentos históricos, mas deixa traços mais nítidos sobretudo a partir de meados do século XX.

Quem sabe, porém, do protagonismo do autor na pesquisa brasileira sobre as intersecções da ecologia e da economia, e em particular sobre o tema do desenvolvimento sustentável, não se enganará. A intenção de Veiga está longe de ser simplesmente a de apequenar ou paralisar seus leitores diante de colossais fatos do universo; antes, parece ser a de sensibilizá-los, a um só tempo, para a enorme potência desse projeto humano intergeracional que chamamos de “ciências” de modo genérico, bem como para suas indeterminações sempre presentes e inextinguíveis (porque sempre renovadas).

Embora seu público possa, sem problema, ser o mais variado possível – é o que a boa escrita do autor garante –, Veiga não esconde que mira principalmente naqueles que se dedicam às Humanidades. É que o incomoda sobremaneira o fato de que, sendo hoje em dia praticamente ponto pacífico o *status* científico de disciplinas como sociologia, antropologia, economia, história, psicologia etc., receba cada vez menos atenção a conexão entre elas e o que está em seu entorno imediato – as chamadas “ciências da natureza”. Quando a relação entre os objetos das ciências naturais e das que chamamos de ciências “humanas”, “sociais” ou “históricas” não é simplesmente ignorada, seu real exame é contornado com o recurso a noções pouco explicativas como, por exemplo, a de “transcendência” (fala-se frequentemente da transcendência do social, da cultura ou do que é “propriamente humano” com relação ao biológico ou ao fisioquímico).

Veiga concentra seus esforços em explorar duas das mais gritantes manifestações dessa ignorância cultivada. Em primeiro lugar, a desatenção

das Humanidades à valiosa contribuição que Charles Darwin lhes legou – argumento que o autor já havia começado a formular em seu *Amor à Ciência: ensaios sobre o materialismo darwiniano* (2017). Em segundo lugar, a reação bastante heterogênea, mas em geral vaga e pouco desenvolvida, que as diferentes áreas das Humanidades tiveram, tardiamente aliás, à questão do Antropoceno – tema que o autor começa a desbravar nesta obra mais recente.

Boa parte dos comentários que integram o primeiro e o terceiro capítulos do livro são dedicados à exposição da unidade que há entre a bem conhecida primeira revolução darwiniana – a exposição da lógica da seleção natural por trás da evolução das espécies em *The Origin of Species* (1859) – e a geralmente ignorada segunda revolução darwiniana, que documentada em *The Descent of Man* (1871). Veiga nos mostra que, ao contrário do que foi propagandeado pelas interpretações impulsionadas pelo liberalismo vitoriano (especialmente o evolucionismo filosófico de Spencer e a eugenia de Galton), Darwin nunca sugeriu uma transposição mecânica da “luta pela existência” ao âmbito das sociedades humanas. Em verdade, a espécie humana não foi o foco de sua primeira grande obra e, nos quase doze anos que a separam da segunda, as pesquisas de Darwin o levaram a perceber a singular importância que a *cooperação* assume na configuração de vantagens adaptativas, explicitando, finalmente, que o processo de seleção natural não é determinado simples e unicamente pela lógica da competição interindividual. Apoiando-se em autores como Peter Corning e Patrick Tort, Veiga argumenta que Darwin preparou, com isso, as bases de uma *teoria verdadeiramente geral da evolução* – uma teoria que, especialmente depois dos recentes avanços da biologia evolutiva, sobretudo com a noção de “seleção multinível” e com a chamada “hipótese sinérgica”, é capaz de integrar tanto o ser humano em suas dimensões biológica e sociocultural, quanto a passagem das dinâmicas fisioquímicas à esfera da vida.

Embora seja imensa a ambição de uma teoria geral nesses termos, e sustentá-la exija do autor a navegação por intrincados debates próprios da biologia evolucionária contemporânea e das incipientes “ciências da complexidade”, Veiga constrói, por fim, uma defesa bastante convincente de sua proposta. Destacaria apenas um ponto particular que merece, talvez,

objeção, e que diz respeito especificamente à visão darwiniana de “processo civilizador”. A ideia formulada por Darwin em sua segunda grande obra de que a situação original de seleção natural a que os seres humanos estão submetidos se altera à medida que eles, em colaboração, transformam seu ambiente natural e social ao longo da história é formidável e dificilmente se encontraria algo a questionar nela. Não é essa, no entanto, a formulação completa que o autor nos oferece da questão. Seu argumento vai adiante, no sentido de sustentar que, ao longo do “processo civilizador”, a seleção natural de instintos sociais favorece não simplesmente a “cooperação” (um conceito genérico que, como o próprio Veiga indica, pode incluir até mesmo a coerção dos partícipes), mas, particularmente:

a generalização de comportamentos solidários, a intensificação dos sentimentos afetivos, bem como a extensão progressiva do sentimento de simpatia, de moralidade, dos direitos, da proteção dos fracos e do reconhecimento do outro como semelhante (VEIGA, 2023, p. 157).

Tort frisa que tal “civilização”, ela mesma um produto da seleção natural, curiosamente terminaria por se opor como uma “ética antisseletiva” à lógica do processo que a produziu; e é precisamente por isso que o autor propõe ilustrar a teoria geral darwiniana com a imagem da fita de Möbius (que dá conta, a um só tempo, da continuidade e da relação de reversão que havia entre a natureza e a cultura humana). O problema aqui é, evidentemente, que a interpretação darwiniana do processo civilizador é demasiado otimista e deixa escapar a história do desenvolvimento de uma divisão internacional do trabalho desigual que dá sustentação aos ganhos sociais de uma pequena parcela da humanidade (as elites econômicas e as mínguas classes médias) a partir da desapropriação, da exploração do trabalho e da destruição das condições de vida da maior parcela da humanidade (sobretudo, de mulheres e de pessoas racializadas do Sul global). Nesse ponto, creio que faria bem a Veiga visitar o marxismo de que se aproximou em sua juventude a fim de reconsiderar a imagem edênica de civilização promovida não só por Darwin, mas também por

figuras mais contemporâneas que são mencionadas elogiosamente no livro, como, por exemplo, o antropólogo e biólogo evolucionário Joseph Heinrich (2020).

O segundo grande tema que recebe a atenção de nosso autor dá nome ao livro e corresponde ao desdobramento mais recente da mesma atitude geral responsável pelo desconhecimento da real herança darwiniana. Passagens do primeiro e, sobretudo, do segundo capítulos nos mostram que, enquanto as ciências naturais reúnem evidências cada vez mais contundentes de que as constâncias ecológicas garantidoras dos diferentes arranjos sociais humanos até hoje estão sob séria ameaça, é atrasada e embrionária a apropriação que as Humanidades fazem da questão do Antropoceno. O autor ilustra essa tese remetendo, por exemplo, aos últimos trabalhos do sociólogo alemão Ulrich Beck (2018), em que este lança noções pouco elaboradas, como as de “sociedade antropocênica”, “classe antropocênica”, “risco antropocênico” etc., ou à formulação por William Clark e Alicia Harley (2019), no contexto da incipiente “ciência da sustentabilidade”, da ideia equívoca de “Sistema Antropocênico”.

Algumas exceções são, no entanto, celebradas, e o comentário a respeito delas nos ajuda a formar um pequeno e interessante histórico da questão. Destaque especial é dado sobretudo (1) ao historiador ambiental estadunidense John R. McNeill (2000), que foi pioneiro no diálogo com as Ciências do Sistema Terra, chegando a escrever ao lado de Paul J. Crutzen, introdutor do conceito de Antropoceno (Cf. STEFFENS; CRUTZEN; MCNEIL, 2008); (2) ao historiador indiano Dipesh Chakrabarty (2009), que sinalizou para a importância de se considerar a relação entre o Antropoceno e “as histórias globais do capital” (um projeto que viria a ser bastante influente ao longo da década seguinte); (3) ao filósofo e cientista social francês Bruno Latour (2015) que garantiu enorme divulgação do tema nas Humanidades ao colocar o Antropoceno no centro de suas reflexões a partir de 2013; e (4) ao antropólogo sueco Alf Hornborg que, na interface dos paradigmas da teoria dos sistemas-mundo, da ecologia e do marxismo, inaugurou, ao lado de seu então discípulo Andreas Malm (Cf. MALM; HORNBERG: 2014), o acalorado debate em torno da noção alternativa de “Capitaloceno”.

Os meandros de tal histórico são descritos por Veiga magistralmente e merecem a atenção de qualquer pesquisador interessado no assunto. Lamenta-se apenas que uma figura tão central na promoção do diálogo entre as ciências da natureza e as Humanidades como Donna Haraway figure, na ocasião, meramente como uma propagadora de “raciocínios nebulosos e ininteligíveis” e “modismos” (VEIGA, 2023, p. 99). Ninguém negará que o estilo de Haraway é hermético, mas seus *insights* sobre as conexões entre os problemas ecológicos do presente e as hierarquias sociais intra- e interespecíficas são reconhecidos em seu valor e pioneirismo desde meados dos anos 1980. De fato, a ecofeminista, bióloga e filósofa só passou a tematizar o Antropoceno de maneira consistente tardiamente, na década de 2010. Por outro lado, não se pode ignorar, porém, que pelo menos desde 1985 ela já apontava a simbiose (e mais tarde, a noção mais alargada de “simpoiese”) como componente imprescindível para explicar a história de desenvolvimento e os potenciais de transformações não apenas no âmbito biológico, dos seres vivos, mas de todos os entes que ocupam uma posição no contínuo natureza-cultura (Cf. HARAWAY, 1985). Escapa a Veiga, portanto, que sua proposta e a de Haraway tenham pontos significativos em comum. Não obstante essa pequena lacuna, o livro é incontornável para quem busque contato com o que há de mais atual e instigante sobre o nexos entre as ciências humanas e naturais.

REFERÊNCIAS

- BECK, Ulrich. *A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- CHAKRABARTY, Dipesh. The Climate of History: Four Theses. *Critical Inquiry*, v. 35, n. 2, p. 197-222, 2009.
- CLARK, William; HARLEY, Alicia G. *Sustainability Science: Towards a Synthesis*. Sustainability Science Program Working Paper 2019-01, John F. Kennedy School of Government. Cambridge MA: Harvard University, 2019.

- HARAWAY, Donna. A Manifesto for Cyborgs: Science, Technology, and Socialist Feminism in the 1980s. *Socialist Review*, v. 15, n. 2, p. 65-107, 1985.
- HEINRICH, Joseph. *The WEIRDest People in the World: How the West became Philosophically Peculiar and Particularly Prosperous*. Nova Iorque: Farrar; Straus and Giroux, 2020.
- LATOUR, Bruno. *Face à Gaïa: Huit conférences sur le nouveau régime climatique*. Paris: La Découvert, 2015.
- MALM, Andreas; HORNBERG, Alf. The geology of mankind? A critique of the Anthropocene narrative. *The Anthropocene Review*, v. 1, n.1, p. 62-69, 2014.
- MCNEIL, John. *Something New Under the Sun: An Environmental History of the 20th-Century World*. New York: Norton, 2000.
- STEFFEN, Will; CRUTZEN, Paul; MCNEILL, John. The Anthropocene: Are Humans Now Overwhelming the Great Forces of Nature. *Ambio*, v. 36. p. 614-21, 2008.
- VEIGA, José Eli da. *O Antropoceno e as Humanidades*. São Paulo: Editora 34, 2023.

Texto recebido em 29/12/2023 e aprovado em 15/04/2024